



Onze mulheres, e nenhuma de Almodóvar.

Não conseguimos chegar ao fim da primeira frase sobre Antonia San Juan sem falar dele. Não chegámos sequer a tentar: na nossa cabeça, na cabeça de quem está a 600 quilómetros de Madrid e a 20 anos da década de 80, Antonia San Juan é a Agrado de "Tudo Sobre A Minha Mãe", o filme em que Almodóvar a descobriu a ela e em que meio mundo o descobriu a ele (depois disso o cinema de Almodóvar nunca mais deixou de ser esse sítio, esse lugar-comum, em que Caetano Veloso e Pina Bausch se encontram com o grande público, e em que sobretudo se encontram com Hollywood).

Há um antes e um depois de "Tudo Sobre A Minha Mãe" para Antonia San Juan, mas isso também é na nossa cabeça: na cabeça dela, ela já estava descoberta quando Almodóvar a descobriu. "Tudo Sobre A Minha Mãe" foi o meu quarto filme. Quando o Almodóvar me viu num café-teatro de Madrid, eu já fazia teatro há 20 anos: tinha feito os clássicos na faculdade [Antonia San Juan nasceu nas Canárias e foi para Madrid estudar Filologia Hispânica], fiz muito cabaré depois. O filme capitalizou o trabalho que fiz ao longo de todo esse tempo, não foi um acontecimento alheio ao meu percurso. Sim, foi esse trabalho que me internacionalizou, mas na verdade foi apenas mais um trabalho. É claro que, internacionalmente, foi a Agrado que permitiu que as pessoas conhecessem a Antonia San Juan", explica ao Ípsilon, "muito acatarrada", a partir de Madrid.

É isso, a Agrado, que as pessoas procuram nos espectáculos dela. Não é isso que encontram: "As pessoas vão ver a Agrado mas acabam por achar a Antonia San Juan mais interessante. A Agrado não tem a leitura, não tem o discurso, não tem o olhar sobre as coisas da Antonia San Juan". E quem é a Antonia San Juan? "Há que vê-la no teatro."

Há que vê-la no teatro a ser actriz que chegue para 11 mulheres (e nenhuma de Almodóvar). É o que vamos fazer esta terça-feira, no FITEI (Teatro Nacional S. João, às 21h30): "Las Que Faltaban", segunda parte de uma trilogia sobre as mulheres iniciada em 2000 com "Otras Mujeres" e "to be continued" ainda este ano, é Antonia San Juan a mudar 11 vezes em 100 minutos. Não a mudar de corpo (isso seria coisa para a Agrado, e a Agrado está vista), mas a mudar de vida, sozinha em palco com um vestido preto e uma cadeira. "Não há transformação física. O teatro que eu faço é um teatro nu, praticamente sem elementos, praticamente sem cenografia. É um verdadeiro trabalho de actor, no sentido mais radical do termo - e um trabalho muito solitário, porque os meus espectáculos são unipessoais", diz-nos.

Mulheres que saem do corpo dela

Damos-lhe 100 minutos e ela dá-nos uma nova-rica, uma dona-de-casa exemplar, uma filha frustrada, uma dama do século XVI - mulheres que saem do corpo dela e da cabeça de Terenci Moix, Quim Monzó, Rafael Mendizabal, Enri-

que Gallego, Felix Sabroso e Luis Seguí. "São as mulheres que faltavam no espectáculo anterior [em "Otras Mujeres"] Antonia San Juan também estava sozinha no palco: sozinha, com 13 mulheres]. Algumas são mulheres que eu conheço, com outras ainda não me cruzei - mas existem. Mesmo quando não existem na minha cabeça, passam a existir porque todos os textos que utilizo são adaptados por mim. Peço sempre aos autores que me deixem reescrevê-los", sublinha Antonia San Juan.

É coisa de quem tem verdades a dizer - e de quem acha que o teatro é o único sítio onde se pode dizer a verdade. "A verdade sobre a família como instituição prisional, sobre a religião como força de bloqueio, sobre a dupla moral de tudo o que fazemos, sobre a liberdade de expressão. Não há liberdade de expressão, tudo o que se diz é mentira. As mulheres julgam que têm liberdade sexual mas também é mentira. Há mulheres que se acham modernas porque mostram as pernas ou porque põem um decote, mas a verdade é que são antigas: primeiro mostram as mamas numa revista, depois casam de branco".

A Espanha dela não é a nossa Espanha (o casamento homossexual com adopção, o aborto, a paridade na governação: aquilo que queremos ser quando formos grandes). Na Espanha dela não há liberdade sexual - nem vai haver, diz ela. "Falta uma sociedade mais laica: sem religião, sem tradição. E faltam mulheres que não queiram viver como as avós viveram, que não queiram ser as coisas que

as avós foram. Faltam mulheres que enfrentem o mundo, que se recusem a ser sustentadas. Não há outra liberdade a não ser a liberdade que dão o trabalho e o dinheiro. Isto não é uma crítica. É uma verdade. De resto, não faço teatro para as mulheres - nem para os homens, nem para a terceira idade. Não faço teatro para um público concreto, faço teatro para ninguém". Mas quando faz teatro - e cinema: realizou uma longa-metragem que vai sair em Julho -, está cá fora, na rua. Ser mulher é isso. É "diferente de ser fêmea": é ler, é trabalhar, é vir para a rua.

Onze mulheres na rua, e todas dela, nenhuma de Almodóvar. Chegámos a ver a Agrado aqui, chegámos a imaginar que ela fosse uma das que faltavam. Não é: "A Agrado é uma personagem do Almodóvar. Ele pode falar sobre ela, eu não. Além disso, a Agrado não era sequer uma mulher". Já passámos a fase em que a Agrado era ela: ela chegava a Cannes e perguntavam-lhe qual era o sexo que aparecia na certidão de nascimento, ela atendia o telefone e era um jornalista a perguntar-lhe se ela, Antonia San Juan, também era um travesti. Houve uma crise, houve uma operação, e depois Antonia San Juan começou a fazer cabaré. Foi há muito tempo, já não é assunto (nem nos metemos nisso: tínhamos combinado que não ia haver perguntas pessoais, e não houve), já não é sequer um mito urbano. Não sabemos, nem queremos saber, se Antonia é uma mulher. Na nossa cabeça não é uma, são onze.

Teatro



Antonia San Juan Mulher, mas não de Almodóvar

O que ela dizia em "Tudo Sobre A Minha Mãe" não era ela que dizia, era Pedro Almodóvar. O que ela diz em "Las Que Faltaban" é mesmo ela que diz. Antonia San Juan é 11 mulheres ao mesmo tempo (e nenhuma é de Almodóvar). Vamos vê-la - vê-las - terça-feira, no FITEI. *Inês Nadais*